

Literatura de Cordel

O Perito Criminal e a Peleja das Carteiradas

Autor: José Alysson D. M. Medeiros



1ª Edição Direitos autorais reservados

Às vezes, os amigos me perguntam como surgem as histórias dos meus cordéis. Algumas são inspiradas em relances de situações do dia a dia. Esta aqui surgiu quando estava conversando com um senhor, durante a atividade física, e uma amiga me perguntou se ali se tratava de um “Juiz de Direito”. Bastou isso para eu responder com uma gracinha e pensar em transformar o episódio em um cordel...

Aproveitei, ainda, a vontade de escrever um enredo com reviravoltas (o que os gringos chamam de “*plot twist*”). Assim como ocorre na perícia criminal, na literatura é importante estar atento aos detalhes que podem esclarecer a trama – e que podem aparecer onde menos se espera...

Por fim, veio a vontade de homenagear os colegas aposentados da minha profissão com o protagonista do cordel. Depois de determinados anos de atividade, a gente acaba vendo amigos de longa data se aposentando com mais frequência e acaba se colocando no lugar deles com a pergunta de um milhão: o que irei fazer ao me aposentar?

Apesar de não haver gabarito para essa pergunta, é importante que cada um procure a sua praia – que não necessariamente precisa ter areia e água salgada. Sua “praia” pode ser a montanha, o pé na estrada, uma atividade voluntária ou, simplesmente, “*il dolce far niente*”; afinal, é a fase de retribuição pelos anos de serviço prestados à sociedade e cada um tem o direito de aproveitá-la como bem lhe convier. O importante é não se comparar. Cada um sabe o que é melhor para si.

Gostaria de destacar as espirituosas xilogravuras de Edna e Jefferson Campos que, brilhantemente, emolduraram os versos deste folheto de cordel.

O autor.

O Perito Criminal e a Peleja das Carteiradas

Autor: José Alysson D. M. Medeiros

Num boteco em João Pessoa,
Essa estória aconteceu.
Pertinho do antigo “*Déde*”¹
O céu se tornava breu,
Por ali restava um grupo
Que muito álcool bebeu...

Havia cinco viventes
Cada qual em sua mesa:
Um no estágio do ébrio,
Que lhe confere leveza,
E os quatro demais “*melados*”,
Bem na fase da brabeza.

Até que veio o garçom,
Já depois da saideira,
Para avisar sobre o fim
Da noite de bebedeira...
Até que um “*bêbo*” agitado
Decidiu falar besteira:

¹ Sigla do antigo Departamento de Educação e Desportos (DEDE), atual Vila Olímpica Parahyba, no Bairro dos Estados, em João Pessoa.

*– O bar, aqui, ninguém fecha!
Deixo aqui o meu recado...
Pois eu quero beber mais
Neste dia feriado!
Quem é você pra barrar?
Aqui fala o Delegado!!!*

*E da mesa mais distante,
OuvIU-se outro clamor:
– Quem você acha que é,
Pra gritar com este senhor?
É melhor ficar na sua...
Aqui fala o Defensor!!!*

*E lá da mesa no canto,
Com uma voz de locutor:
– Eu apoio o Delegado...
Baixe a bola, Defensor!
Garçom, mais uma cerveja...
Aqui fala o Promotor!!!*

*E o “bêbo” da quarta mesa,
Levantando o seu nariz,
Foi dizendo: – Que bonito...
Caras-de-pau sem verniz!
Tenham vergonha na cara...
Aqui quem fala é o Juiz!!!*

E o pobre do garçom,
Sem saber o que fazer,
Não sabia se ficava,
Ou se devia correr...
Quando ouviu uma gargalhada
E o quinto veio a dizer:

– Seu garçom, fique tranquilo,
Pois não há o que temer!
Esses quatro sem-vergonhas
Se excederam no beber.
Eu vou mostrar o que são,
Não o que tentaram ser...

O que se diz Delegado,
Delega em sua profissão,
Mas não em delegacia,
E sim na delegação...
Lá de Quixeramobim,
Da equipe de natação!

O que se diz Defensor,
De fato, defende bem...
Defende embaixo da trave,
Não leva gol de ninguém!
Esse aí é o goleiro
Lá do Sport de Xerém!

*O que se diz Promotor,
De fato, está a promover...
Um evento lá no DEDE,
Pra na mídia aparecer:
É um promotor de eventos...
Foi fácil de perceber!*

*Já o que se diz Juiz,
Errado ele não tá, não...
Só quando ele apita contra
Meu time do coração...
É juiz de futebol:
Apita em campo e salão!*

*E o silêncio pairou
Com aquela revelação...
O garçom, indignado,
Com o grupo canastrão,
Falou que iria chamar
A polícia de plantão.*

*Mas antes que ele chamasse,
Aquele que desvendou,
Fez um pedido discreto
Para o garçom, que aceitou
Lhe trazer uma saideira
E em seguida, explicou:*

– Senhor Garçon, obrigado,
Por tamanha tolerância!
Agora vou explicar
A quem está na ignorância,
Como foi que desvendei
Os atores da arrogância...

O delegado do grupo,
Na mochila entreaberta,
Mostra a camisa da equipe,
Então a aposta foi certa.
E como foi que eu notei?
Me bastou estar alerta!

Veja agora o defensor:
Tem camisa cor de uva,
Além de manga comprida,
Em dia que não tem chuva
E, para “fechar o firo”²,
Do bolso lhe escorre a luva!

Já o promotor de eventos
Tem uma pasta na mesa,
Com folders bem coloridos
Alinhados com destreza...
Do Blazer, pula um crachá,
Com isso tive a certeza!

² Antiga expressão utilizada na Paraíba que significava o ato de concluir uma boa jogada no jogo chamado “Firo”.



Xilogravura: Jefferson Campos

*O juiz, então, foi fácil:
Linguajar não erudito
E, em volta do pescoço,
Lhe cai o cordão do apito.
E eu encerro a minha fala...
Aqui quem fala é o Perito!*

*– Um Perito Criminal!!!
Disse o garçom, animado.
– Já resolvi muito caso,
Pois entendo do riscado!
Mas o tempo passa rápido
E hoje estou aposentado...*

*Minha perícia ora envolve
Quatro coisas a estimar:
Desempenar camarão;
Pôr cerveja pra gelar;
Curtir a minha família;
E morar perto do mar...*

*E, para finalizar,
Vou revelar uma história:
Eu vi os cabras no DEDE
Na fase eliminatória...
Tal qual um velho elefante,
Eu tenho boa memória!!! 😊*

Fim

*Texto finalizado em setembro de 2025 e publicado em
24 de janeiro de 2026, Dia Nacional do Aposentado.*

José Alysson D. M. Medeiros, natural de João Pessoa/PB, é Engenheiro Civil e Perito Criminal Federal, atuando na capital paraibana. É o autor da coletânea "*Perícia em Versos*" da Millennium Editora.

Maria Edna da Silva (Edna) é artesã e xilogravurista pernambucana, nascida e residente em Bezerros. Desenvolve suas atividades no *Memorial J. Borges*, continuando o legado do mestre juntamente com outros artistas da família.

Jefferson de Lima Campos é paulistano, radicado no Rio Grande do Norte, apaixonado por Cultura Popular, especialmente Literatura de Cordel. Aos 35 anos começou a produzir xilogravuras, encantando o público com suas obras cheias de vida e movimento.

APOIO:



Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais